

Princípios e Práticas Colaborativas no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Princípios e Práticas Colaborativas no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Professora Miriam Adalgisa Bedim Godoy

Sumário

- Apresentação
- 1. O Trabalho Colaborativo no Estágio Supervisionado
- 2. Estágio Supervisionado do Campus para o Campo
- Reflexões finais
- Referências

Miriam Adalgisa Bedim Godoy



Apresentação

Inicia-se o *e-book* tecendo considerações acerca do tripé ensino, pesquisa e extensão, eixos que engrenam o fazer na e da universidade. Tendo em vista a relevância que esses pilares exercem para as práticas pedagógicas, defende-se que o estágio supervisionado, componente curricular nos cursos de licenciatura, sobretudo, no curso de Pedagogia, articula esses eixos, de modo que, a partir dos pressupostos teórico-práticos, ressignifiquem e ampliem os saberes construídos historicamente.

As práticas colaborativas articuladas ao estágio supervisionado são importantes. Entende-se por colaboração um trabalho conjunto e cooperativo, em que os envolvidos se respeitam mutuamente e estão abertos para novas possibilidades e aprendizagens significativas.

Ademais, reflete-se sobre o deslocamento do *campus* universitário para o campo do estágio supervisionado, oportunidade de ampliar e ressignificar esses espaços, e promover experiências voltadas ao tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Votos de uma jornada profícua na práxis pedagógica.

1. O Trabalho Colaborativo no Estágio Supervisionado

Figura 1- Pilares da universidade



Fonte: Elaboração própria.

Os pilares que sustentam e articulam o fazer pedagógico na universidade pública são: o ensino, a pesquisa e a extensão caracterizam a especificidade e o caráter científico e acadêmico de produção e difusão do conhecimento elaborado.



Neste viés, o

[...] princípio da indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão, disposto no artigo 207, de nossa Constituição Brasileira, promove a conscientização da importância da formação de professores atentos aos desafios de seu tempo, não sem o questionamento ético-filosófico inerente às suas práticas. (PISETTA, SANTIAGO, 2019, p. 840).

Pensar a universidade é refletir sobre a imagem de um triângulo cujos lados têm a mesma importância. Nesta linha de raciocínio, “[...] pensar um novo modelo de sociedade nos três eixos das práticas humanas do fazer, do poder e do saber, ou seja, levando a participação formativa dos universitários no mundo da produção, no mundo da política e no mundo da cultura”. (SEVERINO, 2002, p. 123).

Portanto os eixos ensino, pesquisa e extensão, sustentam a existência da universidade. “[...] O conhecimento produzido, para se tornar ferramenta apropriada de intencionalização das práticas mediadoras da existência humana, precisa ser disseminado e repassado, colocado em condições de universalização”, o que revela o real sentido da missão da universidade. (SEVERINO, 2002, p. 123).

O deslocamento do *campus*, como *locus* de produção de conhecimento científico para o campo de atuação, se revela, também, “[...] como um emaranhado de fenômenos que exigem formação permanente e tensionamento incessante da teorização e da práxis.” (PISETTA, SANTIAGO, 2019, p. 840). A díade teoria e prática, ressignifica a intersecção ensino, pesquisa e extensão as promotoras de descobertas, ampliação e representação de saberes.



No cotidiano universitário, tanto o ensino quanto a pesquisa, estão bem evidenciados por meio da docência e das atividades de Iniciação Científica (IC) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), por exemplo. Contudo, a extensão, apesar de ser eixo articulador na engrenagem universitária, ainda é uma atividade que engatinha.

A extensão tem que ser intrínseca ao exercício pedagógico do trabalho universitário. Não se trata de uma concessão, de um diletantismo, mas de uma exigência do processo formativo. Toda instituição de ensino superior tem que ser extensionista, pois só assim ela estará dando (*sic*) conta da formação integral do jovem universitário, investindo-o pedagogicamente na construção de uma nova consciência social. (SEVERINO, 2002, p. 123).

A extensão tem caráter social, por “[...] ter uma função de comunicação da universidade com seu meio, possibilitando, assim, a sua realimentação face à problemática da sociedade, propiciando uma reflexão crítica e uma revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa”. (GURGEL, 1986, p. 170).

Diante da compreensão da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão na universidade, o estágio supervisionado é articulador de socialização e produção de conhecimentos, pois

[...] precisamos lembrar que o domínio técnico, metodológico e didático dos processos de ensino aprendizagem, exigem recursos significativos e qualidades reflexivas continuadas de toda ordem. Requerem de nossos(as) alunos (as) professores(as) uma ‘familiaridade’ com o campo, posteriormente desenvolvida nos anos de sala de aula como experiência. Conceito fundamental para nossos(as) docentes, quando pensam a educação, planejam e posteriormente ministram suas aulas. (CREMA, 2021, p. 194).



Outro aspecto que o estágio supervisionado possibilita é a inserção do significado de colaboração, porque o acadêmico estagiário e o professor supervisor de estágio, juntamente com o docente regente da turma campo de estágio, em conjunto, realizam a pesquisa e a extensão universitária por meio de uma reflexão dialógica e científica das demandas identificadas. Neste sentido, há uma ressignificação do estágio supervisionado para além de aplicação de técnicas e metodologias aprendidas no curso. É um espaço de itinerâncias formativas por meio da coparticipação dos atores. Pois, “[...] os docentes são profissionais aprendentes e não implementadores de teorias ou impedimentos para mudanças, já que as aprendizagens colaborativas permitem diferentes formas de ensinar e aprender de um professor pesquisador.” (NASCIMENTO; SANTOS; GUEDES, 2021, p. 1810).

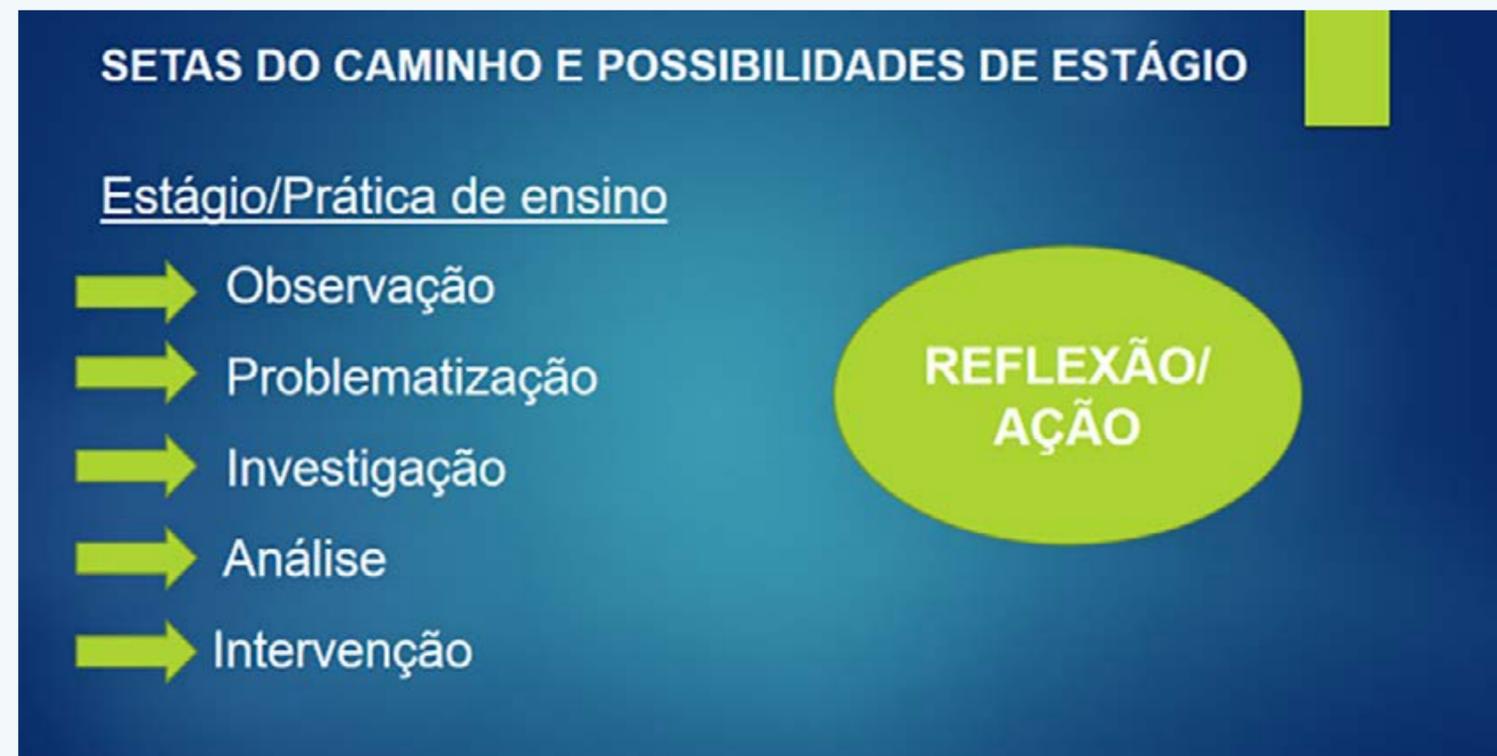
Pois,

[...] na perspectiva de indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, adotou-se a concepção do professor como profissional reflexivo e da **reflexão-na-ação** como estratégia que fundamenta a epistemologia da prática, tanto do ponto de vista da pesquisa didática, quanto dos cenários da profissão. Defende-se, assim, uma formação docente pautada no processo educativo, cultural e científico, sustentando a teoria e a prática como condição para a interação entre universidade, sociedade e escola. Essa conjuntura estabelece a ressignificação de saberes sistematizados, acadêmico e popular, para a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade da sala de aula da educação básica, em especial, no campo dos estágios supervisionados curriculares e das **práticas pedagógicas em contextos de aprendizagens colaborativas...** (NASCIMENTO; SANTOS; GUEDES, 2021, p. 1809, grifos nossos).

As práticas pedagógicas colaborativas requerem um olhar acurado sustentado em um aporte teórico que identifica situações-desafiadoras e vislumbra possibilidades.

O esquema abaixo sinaliza as setas do caminho e possibilidades de estágio colaborativo.

Figura 2 – Práxis do estágio



Fonte: Elaboração própria com base em Pimenta e Lima, 2004, p. 117.



AMPLIE SEU CONHECIMENTO

Aspectos do trabalho pedagógico nos anos iniciais

Acesse o vídeo das professoras Miriam Adalgisa Bedim Godoy e Silvia Iris Afonso Lopes



[PED] Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais - Unidade I

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1º ao 5º ano)

Acesse o *site* do Ministério da Educação.



BNCC - Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)



Referencial Curricular do Paraná

Acesse o *site* Escola Digital - Professor:



Referencial Curricular do Paraná - Educação Infantil e Ensino Fundamental



Ilustração: brgfx/Freepik.com.



2. Estágio Supervisionado do Campus para o Campo

O estágio supervisionado é um componente curricular nos cursos de licenciatura pois “[...] possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente.” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 61). Outrossim, a prática curricular supervisionada possibilita a conexão entre a universidade (campus), as instituições de ensino (campo) e a comunidade em geral. Desta forma, é por meio do estágio supervisionado que

[...] se concretizam algumas inferências e reflexões mais aprofundadas sobre a prática pedagógica. Razão pela qual, aos cursos de licenciatura é exigida uma carga horária específica destinada à complementação e ao aprofundamento de estudos, pesquisas e investigação pedagógica de conteúdos pertinentes à prática educativa, aprofundamento bibliográfico, exploração de conhecimentos relacionados à experiências extraídas do contexto sociocultural onde se desenvolve o estágio supervisionado. (ZYCH; CORSO; GODOY; POLON, 2016, p. 140-141).

A compreensão inicial do significado das palavras estágio e supervisionado, é muito importante para que o acadêmico se familiarize com a díade (BIANCHI; ALVARENGA; BIANCHI, 2011). De acordo com o Dicionário *Online* de Português (DICIO, 2020, s/p.), a palavra estágio é um substantivo masculino que se refere a um “[...] período de estudos práticos, exigido dos candidatos ao exercício de certas profissões liberais: estágio de engenharia; estágio pedagógico.” Na pesquisa do significado da palavra supervisionado no dicionário supracitado, verificou-se que deriva do verbo transitivo supervisionar, cujo sentido remete a supervisionar e inspecionar.



Posto isso, afirma-se que, ao se separar as palavras, estágio e supervisionado, têm-se atribuições diferenciadas e específicas, a realização do estágio compete ao acadêmico e a supervisão ao docente da disciplina de prática/estágio. No entanto, sublinha-se que a confluência dessas atividades, possibilita a articulação entre teoria e prática na formação docente inicial. (BIANCHI; ALVARENGA; BIANCHI, 2011).

Neste sentido, o estágio supervisionado, é uma prática que articula o futuro educador e o docente, contribuindo para que ambos pensem a prática em suas diferentes facetas (p. ex. sociais, históricas, filosóficas, econômicas, epistemológicas, culturais e tecnológicas), pois “[...] a prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo.” (FREIRE, 1978, p. 8).

Na esteira desse pensamento, Freire argumenta que, independentemente de o educador estar inserido no sistema escolar ou fora dele, “[...] de qualquer maneira está dentro da sociedade (estrategicamente fora do sistema e taticamente dentro dele), desta forma, é saber o que fazer, como, quando, com quem, para que, contra que e em favor de que.” (FREIRE, 1978, p. 110).

Assim, o estágio do futuro profissional é uma imersão na realidade escolar, mesmo para aqueles que já exercem o magistério pois, por meio dos saberes apreendidos no decorrer do curso, os acadêmicos fazem uso de outras lentes e incorporam perspectivas para contemplar e melhorar o cotidiano educacional. Além disso, a inserção no cotidiano da escola favorece o desenvolvimento da identidade profissional do estagiário e a consolidação de determinados posicionamentos, opções e intenções constituídas no processo de formação acadêmica. (MIRANDA, 2008).



O estagiário atende às exigências burocráticas do estágio e aproveita a oportunidade de enxergar novos horizontes e possibilidades de pesquisa porque a pedra angular do estágio se fundamenta “[...] na articulação teoria e prática de forma dialética, contextualizada e interdisciplinar por meio do tripé - ensino, pesquisa e extensão.” (GODOY; POLON, 2013, p. 22744).

O estágio supervisionado, visando a unicidade entre a teoria e a prática, ultrapassa as fronteiras do meramente burocrático, pois

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, por que indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1997, p. 32).

O discurso de educar pela pesquisa, remonta à última década do século XX. Apesar de quase três décadas de estudos sobre temática, verifica-se que não é tarefa simples a prática de fazer pesquisa, principalmente no âmbito da sala de aula, quando o professor estagiário tem a incumbência de transmitir o conhecimento e ao mesmo tempo usar a capacidade de questionar, refletir e ressignificar o **instituído e o instituinte**.

Entende-se por **instituído** o que foi estabelecido no contexto escolar por meio das políticas públicas educacionais e as legislações.

Entende-se por **instituinte** o que está sendo construído no cotidiano escolar por meio das ações (históricas, filosóficas, sociológicas, culturais) pedagógicas dos representantes.

O desafio é aglutinar dialeticamente essas duas dimensões no interior de um mesmo processo da instituição escolar. Para maiores esclarecimentos ver Veiga (2004); Gadotti; Romão (1997).



De acordo com Galiazzi, Moraes e Ramos (2003), a pesquisa no espaço da aula é um movimento em espiral que, a partir dos questionamentos do ser, fazer e conhecer dos integrantes, novas reflexões surgem e, concomitantemente, atingem as modalidades de ser, fazer e conhecer, o que possibilita novos argumentos a serem socializados entre todos que fazem parte do processo.

Assim, o estágio para Leite (2011).

[...] poderá oferecer ao aluno da licenciatura condições para que compreenda o professor como um profissional inserido em um determinado espaço e tempo histórico, capaz de questionar, refletir e atuar sobre a sua prática, bem como sobre o contexto político e social em que ela desenvolve. (p. 47).

Esse é o grande desafio do estágio, “[...] constituir-se como espaço de aprendizagem que nos leva a refazer continuamente a prática e a descobrir novos jeitos de compreender nosso fazer pedagógico e de conviver com ele.” (LIMA; AROEIRA, 2011, p. 117).

O estágio e as experiências docentes consolidadas, contribuem significativamente, para a formação do professor (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005). Essa experiência oportuniza aplicar os conceitos científicos aprendidos nas aulas teóricas sobre o ensino, aprendizagem e gestão, no cotidiano do trabalho pedagógico e verificar *in loco* se o que é instituído pelas legislações e bases teóricas se efetivam e que no processo instituinte (o fazer cotidiano) outras representações afloram. Comunga-se com as ideias de Ghedin; Oliveira e Almeida, que o processo de formação docente está alicerçado “[...] sobre a reflexão na ação e sobre a ação, ao mesmo tempo em que valoriza a prática docente como fonte de pesquisa e de autonomia do professor, lhe dá a responsabilidade por seu desenvolvimento profissional.” (2015, p. 165).



O estágio é momento reflexivo, de pesquisa e difusão da produção de conhecimento pois, de acordo com Pimenta (2000), é fundamental mobilizar os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e os saberes científicos intrínsecos à formação docente nos processos de composição de identidade.

O estágio com pesquisa em docência requer, primeiramente, o conhecimento das fragilidades da instituição para propor um plano de ação com vistas a intervir nelas. Uma das possibilidades de investigar as limitações ou as dificuldades no cotidiano escolar é analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) e verificar, junto aos gestores (direção e coordenação pedagógica), se todas as ações propostas, quando do diagnóstico escolar, foram implementadas ou, se não foram, quais as mais urgentes e necessárias para serem efetivadas por meio de projetos.

Portanto, de acordo com Franco (2012, p. 189), “[...] a prática pesquisadora é condição essencial para produzir mudanças nos sujeitos e nas estruturas organizativas da prática [...], gerando a possibilidade de ressignificação das relações entre a teoria e prática [...]”. Ainda, segundo Franco (2012), o conjunto dessas ações promovem mudanças substanciais nas condições de trabalho e para a ressignificação da relevância do conhecimento produzido pelos professores.



Outro aspecto da prática docente é refletir sobre os objetivos educacionais ao se elaborar um plano de ensino e plano de aula, sobretudo, considerando a diversidade escolar. Nesse sentido, rememora-se Bloom *et al.* (1979), que destacam os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, ao se elaborar os objetivos de aprendizagem.

O aspecto cognitivo, para Bloom *et al.* (1979), refere-se aos objetivos relacionados à memória ou reconhecimento, ao domínio das áreas do desenvolvimento e capacidades intelectivas. Os autores consideram que para alcançar os objetivos propostos, há que se pensar em uma estrutura para a compreensão de aquisição do conhecimento. Para tanto, ressaltaram a importância da taxionomia dos objetivos. Entende-se por taxionomia “[...] como um método de favorecer a troca de ideias e materiais entre os especialistas em avaliação, bem como entre outras pessoas vinculadas à pesquisa educacional e ao desenvolvimento do currículo.” (BLOOM *et al.*, 1979, p. 9).

A estrutura da taxionomia no domínio cognitivo é classificada por Bloom *et al.* (1979) em:

- a) conhecimento – recordar por meio de reconhecimentos ou lembranças mnemônicas de conceitos, fatos, fenômenos e ideias;
- b) compreensão – compreender a mensagem fidedigna em uma comunicação;
- c) aplicação – transferir, generalizar, deduzir e/ou inferir a informação em outros contextos e de diferentes maneiras;



- d) análise – interpretar cuidadosamente a comunicação percebendo suas correlações e sua organização, identificar padrões, diferenciar fatos de hipóteses;
- e) síntese – reestruturar e/ou reorganizar partes avaliadas em um aspecto novo, levantar hipóteses e elaborar um plano de atividade;
- f) avaliação – mensurar o valor de trabalhos, métodos, ideias, atribuir com exatidão o valor de uma comunicação tendo como referencial a precisão lógica e coerência. Confrontar teorias.

Sobre o domínio afetivo, há que considerar os objetivos educacionais que visam a descrição de mudança de interesse, hábitos, atitudes e valores. Neste aspecto, o domínio afetivo passa pelo desenvolvimento dos sentidos para novas possibilidades de apreciações.

Em relação ao domínio psicomotor, são elaborados objetivos que possibilitam a manifestação manipulativa ou motora de um conteúdo em uma atividade.

Acesse o vídeo: Prof.^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon

AMPLIE SEU CONHECIMENTO

Planejar para atuar



BNCC - Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)



Reflexões finais

O *e-book*, destacou o estágio supervisionado articulando o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Esse componente curricular efetiva a díade – teoria e prática para a ressignificação da atividade, ampliando o sentido de cooperação entre os atores acadêmicos estagiários, docente universitário, professores do ensino comum, professores do ensino especializado e instituição escolar.

Salientou a necessidade de formar professores reflexivos que identificam os desafios e propõem intervenções a partir das demandas elencadas.

Teceu considerações sobre o deslocamento do *campus* para o campo de estágio, relacionando a função da universidade e seu compromisso social. Apontou a necessidade de elaborar o planejamento educacional, considerando os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, a diversidade escolar, principalmente, no que concerne ao público-alvo da educação especial (estudantes com deficiências e transtorno do espectro autista, por exemplo) e aos transtornos funcionais específicos de aprendizagem.

Espera-se que o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental seja produtivo e que se articule com os elementos destacados no *e-book*.



Referências

BIANCHI, Anna C. de M.; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de orientação**: estágio supervisionado. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BLOOM, Benjamin S.; ENGELHART, Max D.; FURST, Edward J.; HILL, Walker H.; KRATHWOHL, David R. **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Porto Alegre: Globo, 1979.

CREMA, Everton C. Qual o papel e o lugar do campo estágio? *In*: BAIERSDOR, Márcia; BARBOZA, Liane M. V.; PALCHA, Leandro S.; VELOSO, Fernanda S. (org.). **Estágios de formação pedagógica e a relação universidade-escola**: dilemas, desafios e perspectivas em tempos de pandemia. 1. ed.– Campinas: Pontes, 2021, p. 191-201.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

FRANCO, Maria Amélia do R. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Consciência e história**: a práxis educativa de Paulo Freire (antologia). São Paulo: Loyola, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque; RAMOS, Maurivan G. Educar pela pesquisa: as resistências sinalizando o processo de profissionalização de professores. **Educar**. Curitiba, n. 21, p. 227-241, 2023.

GHEDIN, E.; OLIVEIRA, E. S. de; ALMEIDA, W. A. de. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

GODOY, Miriam A. B.; POLON, Sandra A. M. **Expectativas em relação ao estágio supervisionado no curso de Pedagogia**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/comunicacoes_23.html. Acesso em: 25 set. de 2019.

GURGEL, R. M. **Extensão universitária**: comunicação ou domesticação. São Paulo: Cortez/Autores Associados/EUFC, 1986.



LEITE, Yoshie U. F. **O lugar das práticas pedagógicas na formação inicial de professores.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LIMA, Maria Socorro L.; AROEIRA, Kalline P. O estágio curricular em colaboração, a reflexão e o registro reflexivo dos estagiários: um diálogo entre a universidade e a escola. *In*: GOMES, Marineide de O. (org.). **Estágios na formação de professores:** possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Loyola, 2011, p. 117-133.

MIRANDA, Maria I. Ensino e pesquisa: o estágio como espaço de articulação. *In*: SILVA, Lazara C. da; MIRANDA, Maria I. (org.). **Estágio supervisionado e prática de ensino:** desafios e possibilidades. Araraquara: Junqueira & Martin, 2008, p. 15-26.

NASCIMENTO, M. B. C.; SANTOS, M. H. S.; GUEDES, J. T. Itinerâncias formativas: estágio e práticas em contextos de aprendizagens colaborativas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1807-1822, jul./set. 2021.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Léa das Graças C. **Docência no ensino superior.** 2. ed., São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2000, p. 15-34.

PISETTA, Maria Angélica A. de M; SANTIAGO, Mylene C. A tríade ensino, pesquisa e extensão no fazer universitário com a inclusão de alunos com autismo: intervenções educacionais e psicanalíticas. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional.** Araraquara, v. 23, n. esp. 1, p. 836-855, out. 2019.

SEVERINO, Antônio J. Educação e universidade. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação.**, v. 6, n. 10, p.117-24, fev. 2002.

ZYCH, Anizia C.; CORSO, Angela M.; GODOY, Miriam A. B.; POLON, Sandra A. M. Prática do estágio curricular supervisionado no curso de Pedagogia. *In*: BÜHRER, Édina A. C.; TIUMAN, Patrícia E. B. (org.). **Formação Docente:** mais do que um estágio, um processo de transformação. Curitiba: CRV, 2016, p. 139-168.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Princípios e Práticas Colaborativas no Estágio Supervisionado nos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental – Miriam Adalgisa Bedim Godoy

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Ernando Brito Gonçalves Junior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhadt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Element5/Unsplash
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones